

CONHECIMENTO SOBRE A DOENÇA CANDIDÍASE ALBICANS E O USO DE PROBIÓTICOS.

Camilla Dickmann Pereira¹

Elaine Maia Alves Borges²

Érika Maria Neif.³

RESUMO

O presente artigo tem como escopo *Candidíase Albicans* o qual apresenta resalta que esta infecção acomete mulheres em todo o mundo. Trata-se de uma infecção causada por fungos que se revela de maneiras distintas em mulheres e homens, no entanto, a coceira está presente em ambos os casos. Foi realizada uma pesquisa de campo no Centro Universitário do Vale do Araguaia na cidade de Barra do Garças-MT junto a estudantes e colaboradoras da instituição. A coleta de dados foi realizada através de um questionário contendo dez questões fechadas. Os resultados mostram que entre as participantes quase todas já teve essa infecção e a maioria não relatou ro uso de probióticos no tratamento e prevenção, mas um ponto de atenção é que ainda falta um maior esclarecimento quanto às formas de se diagnosticar a candidíase, já que também foi constatado que a maioria das entrevistadas buscaram diagnóstico na internet mediante os sintomas apresentados. Conclui-se que um trabalho de educação em saúde precisa ser realizado para que a *Candidíase Albicans* seja diagnosticada e tratada adequadamente, uma vez que além do tratamento medicamentoso é possível também utilizar probióticos cujos resultados tem-se mostrados eficientes.

Palavras-Chave: Candidíase Albicans, Infecção, Probióticos.

ABSTRACT

The scope of this article is Candidiasis Albicans, which highlights that this infection affects women all over the world. It is a fungal infection that is revealed in different ways in women and men, however, itching is present in both cases. A field research was carried out at the Centro Universitário do Vale do Araguaia in the city of Barra do Garças-MT with students and collaborators of the institution. Data collection was performed through a questionnaire containing ten closed questions. The results show that among the participants almost all have already had this infection and the majority did not report the use of probiotics in the treatment and prevention, but one point of attention is that there is still a lack of clarification as to the ways of diagnosing candidiasis, since it was also found that most of the interviewees sought diagnosis on the internet through the symptoms presented. It is concluded that a health education work needs to be carried out so that Candidiasis Albicans is properly diagnosed and treated, since in addition to drug treatment it is also possible to use probiotics whose results have been shown to be efficient.

Keywords: Candidiasis Albicans, Infection, Probiotics.

RESUMEN

El alcance de este artículo es Candidiasis Albicans, que muestra que esta infección afecta a mujeres de todo el mundo. Es una infección por hongos que se revela de diferentes formas en mujeres y hombres, sin embargo, el prurito está presente en ambos os casos. Se realizó una investigación de campo en el Centro Universitario do Vale do Araguaia en la ciudad de Barra do Garças-MT con estudiantes y colaboradores de la institución. La recolección de datos se realizó mediante un cuestionario que contenía diez preguntas cerradas. Los resultados muestran que entre los participantes casi todos ya han tenido esta infección y la mayoría no reportó el uso de probióticos en el tratamiento y prevención, pero un punto de atención es que aún falta aclaración en cuanto a las formas de diagnóstico. candidiasis, ya que también se encontró que la mayoría de los entrevistados buscaban el diagnóstico en internet a través de los síntomas presentados. Se concluye que es necesario realizar un trabajo de educación en salud para que la Candidiasis Albicans sea debidamente diagnosticada y tratada, ya que además del tratamiento farmacológico también es posible utilizar probióticos cuyos resultados han demostrado ser eficientes.

Palabras clave: Candidiasis Albicans, Infección, Probióticos.

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Nutrição do Centro Universitário do Vale do Araguaia – camilladickmann154@gmail.com

² Médica ginecologista e obstetrícia. Mestre em Imunologia e Parasitologia – emaborges37@gmail.com.

³ Doutora em Ciências. Docente Orientadora do Centro Universitário do Vale do Araguaia – neif.erika@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O gênero *Candida* é constituído por mais de 200 tipos diferentes de microrganismos, que habitam os mais variados locais do corpo, como a cavidade bucal, orofaringe, vagina e dobras de pele. Dentre as espécies que fazem parte desse grupo de microrganismos, a *Candida Albicans* se destaca em função de sua taxa de prevalência em condições normais e de infecção (SILVA, et al., 2019). São caracterizados como fungos oportunistas, comumente isolados em mucosas de indivíduos normais. Esses fungos estão bem adaptados ao organismo humano, por esse motivo podem colonizá-lo sem que haja algum dano para o hospedeiro, porém sempre existe uma possibilidade de o indivíduo vir a desenvolver uma infecção endógena. A candidíase pode ser cutânea, em mucosas, cutaneomucosa e visceral. Esse fungo tem crescimento favorecido em ambientes úmidos e quentes, podendo causar frequentemente vaginite, dermatite de fraldas ou candidíase oral. A candidíase vulvovaginal tem como fatores predisponentes gestação, diabetes mellitus, uso crônico de corticoides, contraceptivos orais e antibioterapia (DA ROSA; RUMEL, 2004).

Pertence ao reino Fungi, grupo *Eumycota*, filo *Deuteromycota*, classe *Blastomycetes* e faz parte da família *Cryptococcaceae*. As principais espécies de interesse clínico neste gênero são *Candida albicans*, *C. glabrata*, *C. krusei*, *C. parapsilosis* e *C. tropicalis*, contudo, outras espécies emergentes deste gênero têm sido

isoladas em diversos casos de candidíase e candidemias.

A candidíase vulvovaginal (CVV) é um relevante problema na saúde da mulher e um dos diagnósticos mais frequentes em ginecologia, sendo a segunda infecção genital mais comum no Brasil, precedida apenas pela vaginose bacteriana. Estima-se que 75% das mulheres adultas apresentem pelo menos um episódio de vulvovaginite fúngica em sua vida, sendo que destas, 40% a 50% vivenciem novos surtos e 5% tornem-se recorrentes, isto é, apresentam quatro ou mais episódios no período de um ano. Estudos demonstram que a *Candida albicans* é mais frequente que as espécies não-albicans, correspondendo a 80% dos casos (LEAL et al., 2016).

Clinicamente, é caracterizada pela presença de corrimento esbranquiçado, prurido, ardor, disúria, edema e eritema vulvovaginal. O diagnóstico deve ser baseado no exame micológico direto e cultura. O tratamento pode ser realizado com antifúngicos da classe dos polienos, a nistatina e dos azóis, como miconazol e fluconazol (SOARES et al., 2018). Contudo, existe alguns trabalhos que falam sobre uma alternativa aos probióticos.

Os probióticos são alimentos funcionais, compostos por microrganismos vivos, que atuam na melhora do quadro de disbiose intestinal quando consumidos de forma regular e em quantidade adequada (FONSECA; COSTA, 2010). Estudos prévios têm demonstrado que o

consumo de alimentos probióticos pode reduzir a quantidade de *Candida* na microbiota normal dos seres humanos, podendo auxiliar no controle da candidíase. Mostrou-se também que o tratamento com fluconazol associado ao *Lactobacillus rhamnosus* e ao *Lactobacillus reuteri*, via oral, diminuiu, em quatro semanas, os sintomas relacionados à vulvovaginite por *Candida albicans*, além de diminuir o crescimento da levedura em cultura (MARTINEZ et al., 2009). Assim podemos afirmar que, o uso de alimentos probióticos, como, kefir, iogurte, leite fermentado, entre outros, tem suas vantagens sobre o tratamento da candidíase.

Sabendo-se que a candidíase é uma infecção causada por um fungo, geralmente a *Candida Albicans*, que pode ocorrer em várias regiões do corpo como boca, esôfago, vagina, vulva e pele. O tratamento realizado com antifúngicos nem sempre se tem o efeito esperado. O fungo pode se apresentar por diversos fatores tais como: diabetes, gravidez, tratamento prolongados com antibióticos ou corticoides, baixa imunidade, desnutrição, entre outros. Sendo assim pesquisar e apontar alimentos que podem influenciar no tratamento e prevenção da cândida juntamente com o uso de probióticos e também alimentos que devem ser evitados para que não haja proliferação dos microrganismos.

Assim, esta pesquisa tem como objetivou estudar e pesquisar sobre a candidíase (*Candida albicans*) e a influência da alimentação na

prevenção e tratamento da mesma. Com isso, foi realizado um levantamento de informações acerca de pesquisa e coleta de dados com mulheres, bem como observados os principais fatores que provocam a candidíase, e identificados os alimentos que possam prevenir e tratar esse fungo.

2. METODOLOGIA

Participantes do estudo:

Foram levantadas informações acerca de pesquisa e coleta de dados com mulheres, estudantes e colaboradoras do Centro Universitário do Vale do Araguaia na cidade de Barra do Garças-MT. Foram incluídos no total 108 participantes, com idade compreendida entre 18 a 51 anos. Para serem incluídos, os participantes teriam que estar de acordo em responder o questionário do estudo e serem maiores de 18 anos de idade. Foram excluídos participantes que não completassem todos os itens da avaliação.

Questões éticas:

Todos os participantes foram informados sobre todos os procedimentos e objetivos do estudo e, após concordarem foram convidados a assinar um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), assegurando seus direitos.

Design de estudo

Trata-se de um estudo do tipo observacional descritivo, com coorte transversal.

Os dados foram obtidos por meio de entrevista, onde utilizou-se um questionário semiestruturado pelos autores deste estudo, composto por 10 questões de múltipla escolha. Além disso, a aplicação ocorreu de forma individual.

O intuito foi testar o conhecimento da população se sabem que a doença candidíase pode ser amenizada com alimentação correta como os probióticos.

Análise Estatística

Os dados coletados foram tabulados, armazenados e analisados em planilhas no Excel 2007, foram utilizadas tabelas e gráficos relatando os resultados.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi realizada com os homens e mulheres (>18 anos) da cidade de Barra do Garças e região, onde participaram da pesquisa um total de 108 voluntárias. A idade das participantes variou entre 18 há 51 anos. Ao abordar o assunto Holanda et. al. (2006) considera que a candidíase acomete anualmente milhões de mulheres em todo o mundo e gera desconforto, interfere nas relações sexuais, além de prejudicar o desempenho laboral. Para os autores esse tem sido considerado um problema de saúde pública, eles afirmam que apesar da magnitude do problema, as informações sobre colonização/infecção por leveduras são insatisfatórias na literatura. Ademais esta

infecção tem recebido pouca atenção das autoridades sanitárias e agências de apoio à pesquisa.

Acerca do percentual de mulheres com fungo ativo os dados mostram que 69,45% da população pesquisada é ativa e 30,55 % afirmou não possuir o fungo (**tabela 1**). Holanda et. al. (2007) relatam que a incidência de candidíase pode variar muito sendo 25% na população feminina e 42% entre adolescentes. Em estudo comparativo realizado pelos mesmos autores foi identificado um percentual de 35,5% para as mulheres sintomáticas e de 15% para as assintomáticas de um grupo controle

O estudo de Aleixo Neto, Hamdan e Souza (2018) revelam que a candidíase vulvovaginal é uma das infecções mais comuns na prática clínica de um ginecologista. Um exemplo é a Inglaterra que conta com 28 e 37% das mulheres infectadas e nos Estados Unidos, a incidência desta infecção micótica tem também crescido de maneira expressiva. Já no Brasil os dados epidemiológicos sobre a candidíase foram coletados numa pesquisa do ibope pela revista *Uol* na qual relatou que 52% da população feminina possui a doença (Almeida, 2019).

Rodrigues et al., (2013) afirmam que a candidíase é segunda causa de vaginite aguda, depois da vaginose bacteriana. Na Europa e em outras regiões, essa é a causa mais comum de vaginite em todo o mundo 75% das mulheres

durante toda sua vida apresentam pelo ao menos um episódio de candidíase vulvovaginal.

Tabela 01: Conhecimento popular sobre candidíase e probiótico.

		Porcentagem
Mulheres com fungo ativo		
	Ativo	69%
	Não ativo	31%
Como descobriu a doença?		
	Profissional/Especialista	43%
	Sintomas/consulta na internet	57%
Formas de tratamento?		
	Medicamento convencional	68%
	Probióticos	32%

Sobre a maneira como descobriu que estava com candidíase 42,85 % responderam que foi a partir da consulta com especialista e 57,15% disseram que foi pesquisando na internet através dos sintomas (**tabela 1**). Conforme Ministério da Saúde (2005) os sinais e os sintomas dependerão do nível de infecção e da localização do tecido inflamado. Os mesmos poderão aparecer isolados ou associados, e abrangem prurido vulvovaginal, sendo este o sintoma proporcionando intensidade variável; ardor ou dor à micção; corrimento branco, grumoso, inodoro e com aspecto caseoso; hiperemia, edema vulvar, fissuras e maceração da vulva; dispareunia e vagina e colo do útero recoberto por placas brancas ou branco-acinzentadas, aderidas à mucosa.

Simões (2005) menciona que grande parte das mulheres assume de maneira equivocada que qualquer prurido vaginal, sobretudo, aquele acompanhado por um corrimento vaginal possa ser causado por uma candidíase. Por essa razão os autores alertam para a necessidade de um

diagnóstico correto, pois ele garantirá o sucesso terapêutico. Diante disso, Gazeta Junior (2011) relata que os profissionais envolvidos nesses serviços têm muita responsabilidade quanto a priorizar a educação em saúde para a prevenção dos agravos. Em relação às mulheres, as infecções ginecológicas merecem atenção pelo risco de sequelas futuras.

Em complemento Simões (2005) afirma que diante de suspeita de candidíase é preciso investigar se realmente existe presença do fungo causador no organismo, pois, uma grande parte das mulheres que chegam aos consultórios rotuladas como portadoras têm na verdade, seus sintomas devidos a outras etiologias, geralmente não infecciosas como: alergia, hipersensibilidade local, vaginose citolítica entre outros. Portanto, reforça o autor que nesses casos sim, o diagnóstico da candidíase deve sempre ser confirmado por meio de cultura vaginal específica.

Quanto às formas de tratamento, 67,85% respondeu que se curaram usando medicamento e 32,15% afirmou que foi utilizando probiótico (**tabela 1**). A literatura mostra que nos casos de candidíase não complicada, todos os azólicos tópicos ou orais alcançam cura clínica e microbiológica de 80 a 95% em casos agudos na ausência de gravidez, e os poliênicos como nistatina alcançam 70 a 90% (FEUERSCHUETTE, et. al., 2010).

O estudo de Bezerra, Pimentel e Silva (2016) revela que a prescrição de medicamentos para o tratamento de candidíase pode envolver um conjunto de medicamentos que são indicados conforme o tipo. Em casos de candidíase não complicada, os azólicos fluconazol, miconazol, clotrimazol, tioconazol, cetoconazol e itraconazol (tópicos ou orais), alcançam cura clínica e microbiológica de 85% a 95%, enquanto os poliênicos, como a nistatina, alcançam de 70% a 90%.

Em relação ao tratamento com probiótico alguns estudos destacam que as bactérias patogênicas produzem vários compostos tóxicos causadores de doenças. Os probióticos protegem o hospedeiro, inibindo o crescimento desses microrganismos pela produção de ácidos orgânicos (lactato, propionato, butirato e acetato) e bacteriocinas (SANTOS et. al., 2008).

Estudo realizado por Barbosa et al. (2011) destaca que probióticos seria suplemento alimentar constituído de microrganismos vivos capazes de beneficiar o hospedeiro através do equilíbrio da microbiota intestinal. Estes atuam de maneira positiva no organismo e como o próprio nome indica, atua “pro”, a favor, uma vez que podem também afetar patógenos através da síntese de bacteriocinas (CARVALHO; SOARES; SOARES, 2012).

Holanda et. al. (2007) justifica que a eficácia do tratamento de candidíase com probióticos decorre porque o uso de antibióticos,

sistêmicos ou tópicos, parece estar associado à destruição da microbiota bacteriana vaginal, especificamente dos bacilos de Döderlein fazendo com que ocorra a competição por nutrientes, o que favorece o surgimento do fungo em questão.

Já os estudos clínicos com bactérias do gênero *Lactobacillus* e *Bifidobacteria* identificaram que esses microrganismos são seguros (GRAS) para uso humano e não causam nenhum efeito maléfico. Contudo, outros estudos apontam a importância de se ter cautela em relação à utilização destes em indivíduos imunodeprimidos, em razão do risco de bacteremia (BARBOSA *et al.*, 2011). Dentre os prováveis efeitos adversos destaca-se a resistência bacteriana causada pela transferência de material genético dos probióticos para bactérias patogênicas resistentes (CARVALHO; SOARES; SOARES, 2012).

Embora ainda não exista um total consenso sobre os efeitos dos probióticos sobre o organismo, a certeza dos pesquisadores é que administrado da maneira correta e no tempo indicado, é possível obter os efeitos benéfico desejados. Outros estudos que sobre a ação dos probióticos e os melhores métodos de administração, poderiam auxiliar na seleção de linhagens mais ativas e formas de administração de forma que os resultados possam se tornar mais consistentes (BARBOSA et al., 2011).

Contudo, Farjado e Marin (2018) comentam que os probióticos devem, ser

administrados com cautela em indivíduos que fazem uso de varfarina e imunossuppressores, como a ciclosporina, a tacrolimus, a azatiprina e os agentes quimioterápicos, pois podem causar infecções ou colonizações.

A **figura 01** mostra os resultados do tratamento, nos quais o tratamento foi mencionado por 35,71% das participantes que sim foi eficiente, já 10,71% disseram que não houve eficácia e 53,58% responderam que sim, mas que os sintomas voltaram.

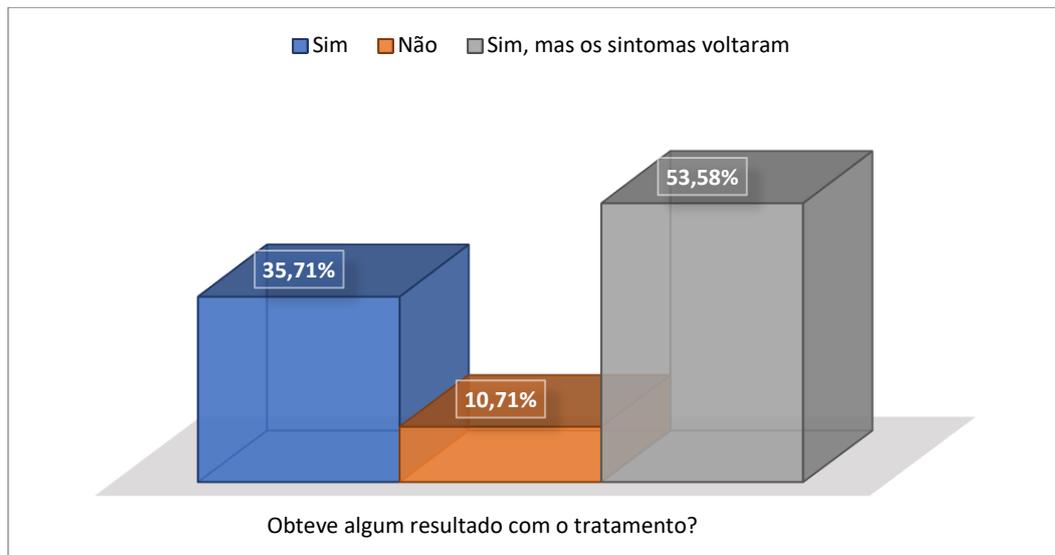


Figura 01: Resultado com o tratamento. Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à adoção de dieta para a prevenção ou tratamento da candidíase 46,42% responderam que sim e 53,58% disseram que não. A literatura tem mostrado que uma dieta adequada pode prevenir a candidíase. Sikveira (2017) ressalta que alguns alimentos podem evitar o surgimento dessa infecção tais como: biscoitos, arroz branco, macarrão e pão branco. Tais

alimentos não são recomendados, pois, além de nutrir a cândida, o doce modifica o pH intestinal.

Outros alimentos que devem ser evitados são os fermentados, uma vez que vinho e cerveja são bebidas fermentadas pela ação dos fungos. Numa situação normal a ingestão dessas bebidas não causa nenhum problema para o organismo, no entanto, as pessoas que estiverem com candidíase devem evitar alimentos que contêm fungos.

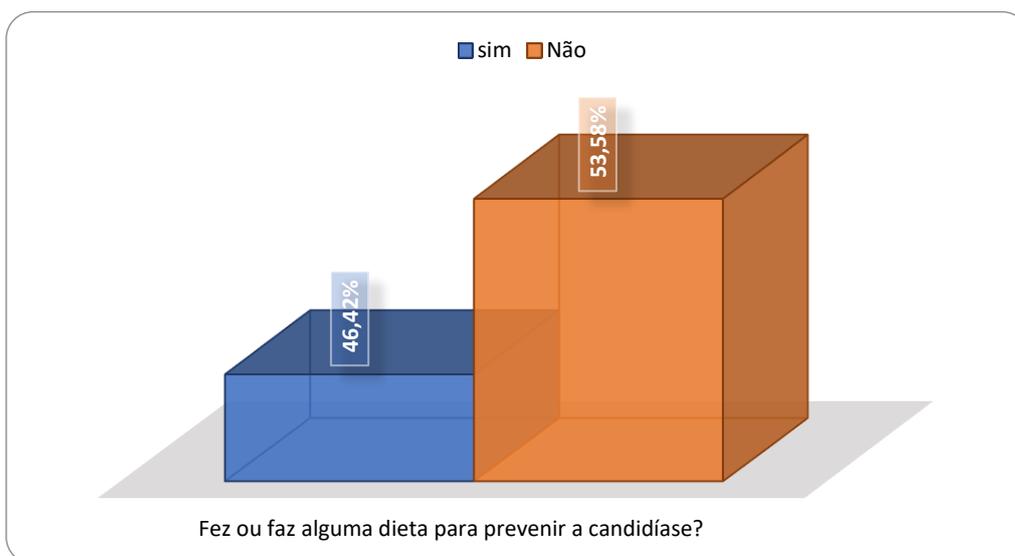


Figura 02: Adesão a alguma dieta para prevenir a candidíase. Fonte: Dados da pesquisa

Araújo (2018) ao relacionar a dieta com prevenção de candidíase lembra que na alimentação, os hábitos não saudáveis influenciam diretamente na qualidade da saúde vaginal. Alimentos ricos em carboidratos simples, óleos vegetais industrializados, álcool, refrigerantes e conservantes alimentares pode prejudicar a proteção natural do corpo feminino, favorecendo a proliferação de bioagentes patogênicos. Entende-se, portanto, que a redução da ingestão desses alimentos pode reduzir a incidência dessa patologia.

Ainda de acordo o mesmo autor comenta que o controle da ingestão de algumas comidas é importante, pois, existem algumas que são utilizadas para prevenção e tratamento da candidíase vaginal como o óleo de coco, o alho, a cebola, o gengibre e o azeite de oliva, justamente por possuírem capacidade antifúngica, além das amêndoas que têm propriedades probióticas.

Álvaro et. al. (2007) comenta que na atualidade a candidíase é problema na saúde da mulher, e em decorrência disso, profissionais que atuam na área precisam conhecer aspectos atuais que estão sendo abordados sobre a sua patogenia, que possui ainda muitos aspectos para serem esclarecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada com mulheres, estudantes e colaboradoras do Centro Universitário do Vale do Araguaia na cidade de Barra do Garças-MT mostra que dentre as entrevistadas a candidíase é uma patologia comum, pois, grande parte delas relataram já terem sido acometidas por essa infecção e que nem tampouco procuraram um profissional para diagnosticar de fato essa patologia. A pesquisa mostra ainda que o grupo entrevistado apesar da pouca adesão aos probióticos, demonstra que sabe de sua importância, o que demonstra que existe

uma preocupação em prevenir a infecção também com uma dieta apropriada.

Embora a candidíase tenha sido relatada por todas as mulheres entrevistadas como uma realidade, ela ainda não parece ter sido tratada como tal. Esse comportamento sugere que o tratamento seja acompanhado pela saúde coletiva sendo essa uma importante ferramenta para a conscientização da patologia e da importância de uma prevenção efetiva que inclui mudança na alimentação e uso de produtos não medicamentosos como os probióticos.

AGRADECIMENTOS

As autoras gostariam de agradecer as participantes do estudo, pela cordialidade em responder tal pesquisa, bem como a parceria nessa publicação com a Dra Elaine Maia Alves Borges que gentilmente aceitou nosso convite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cristina. Candidíase: sintomas, tratamento e como evitar a coceira na região íntima. 2019. Revista Uol Viva Bem. Acessado em: 16/10/2019. - Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2019/09/24/candidiase-sintomas-tratamento-e-como-prevenir-a-coceira-na-regiao-intima.htm?cmpid=copiaecola>

ALEIXO NETO, Antônio; HAMDAN, Júnia Soares e SOUZA, Ressalla Castro. Prevalência de cândida na flora vaginal de mulheres atendidas em um serviço de planejamento familiar. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet. [conectados]**. 2018, vol.21, n.8.

ÁLVARES, C. A., et al. Candidíase vulvovaginal: fatores predisponentes do hospedeiro e virulência das

leveduras. **J Bras Patol Med Lab** . v. 43 • n. 5 • p. 319-327, outubro 2007.

ALVARES, Cassiana Aparecida; SVIDZINSKI, Terezinha Inez Estivalet; CONSOLARO, Márcia Edilaine Lopes. Candidíase vulvovaginal: fatores predisponentes do hospedeiro e virulência das leveduras. **J. Bras. Patol. Med. Lab.**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 5, p. 319-327, Oct. 2007.

ARAÚJO Maria Cavalcante. **Candidíase vaginal x nutrição** (2018) Disponível em <<http://www.uece.br/nutrindo/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/666-2018-06-20-23-54-51>> Acesso em 16 set. 2019.

BALDIM, I.M.; PEREIRA, M.A.; RUFINO, L.R.A.; OLIVEIRA, N.M.S.; FIORINI, J.E., 2012.

BARBOSA, F. et al. Probióticos- microrganismos a favor da vida. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 11, n. 1, 2011, p. 11-21.

BEZERRA, Ana Cláudia Silva; PIMENTEL, Werônica Cordeiro; SILVA, Carolina Maria da. **Tratamento farmacológico da candidíase vaginal: uma revisão literária**. Anais da VII Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia DeVry Brasil (2016) Disponível em <<https://www.even3.com.br/anais/viimostradevry/29153-tratamento-farmacologico-da-candidiase-vaginal--uma-revisao-literaria/>> Acesso em 12 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde. 2005.

BRASIL. **Regulamento Técnico de Identidade e Qualidade de Leites Fermentados**. Instrução Normativa n° 46, de 23 de outubro de 2007.

CARVALHO, E.B.; SOARES, A.G.; SOARES, L.G. A incorporação dos probióticos na alimentação humana. **NUTRIR GERAIS**, Ipatinga, v. 6 n. 10, p. 900-917, fev./Jul. 2012.

DA ROSA, Maria Inês; RUMEL, Davi. Fatores associados à candidíase vulvovaginal: estudo exploratório. **RBGO**, v. 26, n. 1, 2004.

DALAZEN, Daniela et al. Comparação do perfil de suscetibilidade entre isolados clínicos de *Candida* spp. orais e vulvovaginais no Sul do Brasil. **J. Bras. Patol. Med. Lab.** [online]. 2011, vol.47, n.1 [cited 2019-09-20], pp.33-38.

FEUERSCHUETTE, Otto Henrique May et.al. Candidíase vaginal recorrente: manejo clínico. **FEMINA** | Fevereiro 2010 | vol 38 | nº 2.

GAZETA JUNIOR, Anísio et. al. Candidíase Vaginal: uma questão de educação em saúde. **Brazilian Journal of Health**. v. 2, n. 2/3, p. 89-96, Maio/Dez 2011.

HOLANDA, Antônio Arildo Reginaldo de et al. Candidíase vulvovaginal: sintomatologia, fatores de risco e colonização anal concomitante. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.** [online]. 2007, vol.29, n.1.

LEAL, Mariana Robatto Dantas et al. Tratamento da candidíase vulvovaginal novas perspectivas terapêuticas: Uma revisão narrativa. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 6, n. 4, 2016.

MARTINEZ, R.C.R. **Efeito da utilização de culturas lácticas probióticas na microbiota vaginal de pacientes acometidas por infecções bacterianas e fúngicas. Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/Tese%20(1).pdf>. Acesso em 16 set. 2019.

PALUDO, Rafaela Mulinari; MARIN, Débora. Relação entre candidíase de repetição, disbiose intestinal e suplementação com probióticos: uma revisão. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 10, n. 3, 2018.

RODRIGUES, Márcio Tavares et al. Associação entre cultura de secreção vaginal, características sociodemográficas e manifestações clínicas de pacientes com diagnóstico de candidíase vulvovaginal. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.** [online]. 2013, vol.35, n.12.

SILVA, Carlos Wendel Viana et al. Candidíase vulvovaginal e patogenicidade dos fungos infectantes. **Mostra Científica da Farmácia**, v. 5, 2019.

SILVEIRA, Isabella. **Como a alimentação pode influenciar no combate a candidíase** (2017) Disponível em < <http://www.ung.br/noticias/como-alimentacao-pode-influenciar-no-combate-candidiase>> Acesso em 16 set. 2019.

SIMÕES, José Antonio. **Sobre o diagnóstico da candidíase vaginal** (2005) Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbgo/v27n5/25637.pdf> > Acesso em 21 set. 2019.

SOARES, Dagmar Mercado; VIANA, Fernando Sérgio Escócio Drummond. Candidíase Vulvovaginal: Uma revisão de literatura com abordagem para *Candida albicans*.